A Memória Narrada das Palafitas Emocionais

Livreto do Projeto Cultural e Artístico

Porto Alegre, RS 2026



MARINA CIRAVEGNA DA ROSA

MARINA CIRAVEGNA DA ROSA

A Memória Narrada das Palafitas Emocionais

Registro documental e poético do processo criativo, conceitual e histórico da obra monumental Palafitas Emocionais, concebida pelo artista plástico Rogério Pessôa.

Concepção e Criação Artística: Rogério Pessôa
Textos e Documentação Narrativa: Marina Ciravegna da Rosa
Projeto Cultural Financiado pelo FUMPROARTE — Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural / Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa / Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rosa, Marina Ciravegna da
A memória narrada das Palafitas Emocionais [livro eletrônico] / Marina Ciravegna da Rosa. -- Porto Alegre, RS : Ed. da Autora, 2026.
PDF

ISBN 978-65-02-45788-7

1. Artes 2. Inundações - Rio Grande do Sul (RS) 3. Memória coletiva 4. Monumentos 5. Patrimônio cultural I. Título.

26-408563.0 CDD-363.69

Índices para catálogo sistemático:

1. Patrimônio cultural : Memória e preservação 363.69

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

A Memória Narrada das Palafitas Emocionais

Introdução 5

Capítulo 1: A Memória das Águas

O Fio Histórico das Enchentes 6

A Cota da Memória 9

Palafitas Inferiores 10

Capítulo 2: A Crônica do Processo Criativo

O Fim e o Início 12

O Toque e a Inclusão 12

A Equipe Palafiteira 14

Capítulo 3: O Verbo é a Matéria

Sobre o Artista 18

A Troca Energetica e a Invasão das Águas 19

O Impulso Criativo e a Matéria-Prima 19

A Metáfora das Vilas 20

Elevando as Lutas e o Olhar para Frente 21

A Engenharia Coletiva 22

Capítulo 4: Registro Visual e Ocupação Urbana

Arte que Ocupa a Cidade 23

A Geografia da Arte: O Mapa de Porto Alegre 23

Chão de Memória, Trabalho e Cotidiano 25

Ficha Técnica 26

Agradecimentos 28

Nota de Encerramento 30

Introdução

O projeto Palafitas Emocionais nasce no ponto de convergência entre a força devastadora da natureza e a capacidade de reconstrução do espírito humano. Idealizada pelo artista plástico Rogério Pessôa a partir do impacto da histórica enchente de maio de 2024 em Porto Alegre, quando as águas do Guaíba alcançaram marcas inéditas, a obra materializa-se como uma escultura de 5,30 metros de altura. Revestida por matérias-primas carregadas de história, como o tronco da ameixeira do atelier do artista que "morreu afogada", galhos recolhidos no próprio lago e centenas de peças de cerâmica modeladas à mão, a escultura converte os vestígios da tragédia em um símbolo imponente de resistência e esperança.

A missão central desta intervenção é perpetuar a memória coletiva de um dos momentos mais marcantes da história gaúcha, transformando o trauma em arte e a dor em acolhimento. Além de registrar a dimensão física da catástrofe, a obra homenageia nossas próprias palafitas interiores: a empatia, a solidariedade, o amparo mútuo e a ressignificação de valores que sustentaram o povo na retomada da vida. Elevando-se no espaço urbano, a escultura recusa o abatimento e convida a comunidade a olhar para o alto, lembrando que a reconstrução é um caminho que se trilha para a frente.

Ao escolher o Parque Mascarenhas de Moraes, no Bairro Humaitá, uma das regiões mais severamente atingidas pelas inundações, o projeto enraíza a arte diretamente no cotidiano de quem reconstruiu a cidade com as próprias mãos. A intervenção amplifica o parque como ponto vivo de encontro, reflexão e pertencimento. Aqui, a acessibilidade é tratada com técnica e afeto: o projeto integra uma escultura tátil em menor escala composta por 97 peças de cerâmica, totem descritivo em Braille, interpretação em LIBRAS (no vídeo explicativo) e este próprio livreto digital, garantindo que o direito à memória e à fruição estética pertença a todas as pessoas, sem exceção.

Este livreto, intitulado A Memória Narrada das Palafitas Emocionais, cumpre o papel de registrar o legado intelectual e afetivo dessa jornada. Ao longo destas páginas, entrelaçam-se os ensaios poéticos, o contexto histórico das enchentes centenárias, os desafios da engenharia coletiva, as reflexões do artista, a cartografia da arte pública da capital e a dedicação de toda a "Equipe Palafiteira". Trata-se de um documento mantido aberto ao longo de toda a execução do projeto, permitindo acompanhar como o planejamento técnico, a sensibilidade artística e a gestão colaborativa se uniram para erguer, em chão público, um marco permanente de dignidade e superação.

CAPÍTULO UM

A Memória das Águas

O Fio Histórico das Enchentes

As águas do Lago Guaíba sempre guardaram uma relação de força e espelho com Porto Alegre. A história da capital gaúcha é ciclicamente atravessada pelo avanço desse limite. Em 1928, a cidade já havia sido forçada a exercitar a sua união e solidariedade após ser duramente atingida por um ciclone violento e por chuvas torrenciais que invadiram bairros e exigiram esforços árduos de reconstrução.



CAPÍTULO UM

1 Ensaios Poéticos

A Memória das Águas: O Fio Histórico das Enchentes

Contudo, foi em maio de 1941 que a cidade viveu o que, por décadas, seria o seu maior trauma natural. Durante os 35 dias de um período chuvoso inclemente, as águas ditaram um novo ritmo para a sociedade, transformando áreas centrais e comerciais, como a Praça da Alfândega, em verdadeiros canais navegáveis por barcos e caiaques. Naquele ano, a inundação cravou a marca de 4,76 metros, um limite assustador que permaneceria intocável no imaginário de sucessivas gerações.

No entanto, o tempo e as mudanças climáticas trouxeram uma nova resposta, ainda mais avassaladora. Em maio de 2024, impulsionado por um volume brutal de 564,8 mm de precipitação, potencializado por anomalias climáticas como o Super El Niño, o lago rompeu as antigas marcas da história. As águas superaram com folga a tragédia de 1941, alcançando a impressionante cota recorde de 5,37 metros e submergindo cerca de 30% da área urbana da capital gaúcha.



CAPÍTULO UM

1 Ensaios Poéticos

A Memória das Águas: O Fio Histórico das Enchentes

Foi nesse exato cenário de colapso, onde os sistemas de proteção falharam e a cidade paralisou, que a fúria do Guaíba alcançou o bairro Floresta, engolindo o atelier do artista plástico Rogério Pessôa. A invasão interrompeu abruptamente a rotina do seu "mundo particular", afogando não apenas o seu espaço de criação, mas também uma ameixeira que vivia em frente ao atelier. O ambiente, antes um santuário de diálogo e troca energética constante para o artista, tornou-se o reflexo exato da dor, da perda e da vulnerabilidade experimentada por mais da metade da população de gaúchos.

Porém, assim como a esperança de reerguer a cidade manteve-se viva e forte após as catástrofes de 1928 e 1941, a resposta de Rogério diante do caos de 2024 foi a de encontrar vida na destruição. Diante das águas que deslocavam suas obras, o que poderia ser uma ruptura definitiva transformou-se no mais puro impulso criativo.

O projeto Palafitas Emocionais nasce, assim, como a materialização desse fio histórico ininterrupto de superação. Elevando-se a 5,30 metros de altura, espelhando exatamente a cota assustadora que a enchente alcançou e que invadiu os lares da cidade, a obra serve como um convite não para baixar a cabeça, mas para olhar para o alto. A ameixeira que pereceu afogada é agora o pilar central da escultura. Revestida pelas histórias moldadas na argila, ela prova que, não importa quantas vezes as águas subam ao longo de um século, a força das nossas palafitas interiores sempre emergirá para nos manter vivos e nos reconstruir.



1

CAPÍTULO UM

Ensaios Poéticos

A Cota da Memória

Erguer uma escultura com a exata medida da cota de inundação vai muito além de um registro numérico: é construir um testemunho concreto. Os 5,30 metros de altura das Palafitas Emocionais funcionam como um convite contínuo para nos confrontarmos com a nossa própria pequenez diante das forças naturais e, ao mesmo tempo, com a grandeza da nossa capacidade de superação.

Para Rogério Pessôa, a invasão das águas carregou uma dor muito íntima e específica. O atelier engolido pela enchente transcendia a função de um mero local de trabalho; ele o define como um verdadeiro "mundo particular". Era ali que ele vivia uma "troca energética" e um "diálogo constante" com as suas criações, um ambiente que o alimentava diariamente. Ver esse santuário submerso foi vivenciar a experiência concreta da perda.

Da necessidade de materializar visualmente a real dimensão desse evento, nasceu o projeto. A obra monumental carrega no seu centro uma memória profunda: aquela mesma ameixeira que vivia em frente ao atelier e que, tristemente, "morreu afogada". Aos galhos dessa madeira ferida, unem-se peças modeladas em argila, material especialmente escolhido por ser "um dos materiais mais duráveis da história da humanidade". Ao mesclar esses elementos, a obra converte os vestígios da tragédia em um símbolo permanente de resistência e acolhimento.



CAPÍTULO UM

Ensaios Poéticos

Palafitas Inferiores

Diante do caos, o instinto humano busca a superfície. Foi observando a água invadir seu espaço de criação e deslocar suas obras que Rogério Pessôa encontrou na imagem das palafitas a resposta para a sobrevivência. Como ele próprio define de forma cirúrgica: "o que poderia ser ruptura transformou-se em impulso criativo".

Nesse contexto, as palafitas deixam de ser apenas uma solução construtiva para manter a vida acima da água e assumem o papel de metáfora central do projeto. Elas representam nossas próprias palafitas interiores. Essa é a verdadeira força motriz que uniu o povo gaúcho na solidariedade: a empatia, o amparo ao próximo, a ressignificação de valores e a energia vital necessária para dar o próximo passo rumo à reconstrução. Cada indivíduo precisou encontrar a sua própria palafita interior para superar a catástrofe.



A escultura traz, em seu topo, a característica "Vila" do artista, que reinventa a ideia de casa. Nessa composição, a morada deixa de ser apenas um abrigo físico para representar o pertencimento, a proteção e o viver coletivo.

A monumentalidade da escultura não oprime; ela aponta para o alto. O foco da narrativa da obra não está centrado exclusivamente na dor da perda, mas sim na incrível capacidade humana de reconstrução. Como ensina o próprio artista, cravando uma mensagem de esperança: "Eu gosto de elevar o que as pessoas lutaram. Não de ficar numa coisa triste. É pra frente que a gente vai".

CAPÍTULO DOIS

A Crônica do Processo Criativo

O Fim e o Início

A matéria-prima de Palafitas Emocionais carrega, em si, a própria narrativa da tragédia. Rogério Pessôa não apenas utilizou madeira; ele resgatou o que "morreu" na cidade para dar um novo propósito emocional. Os galhos presentes na sua "Vila" vieram de uma ameixeira que ficava em frente ao atelier e que sucumbiu "afogada" pelas águas de maio de 2024.





O processo de retirada dessa árvore marcou o fim de um ciclo e o início de outro. A documentação desse momento registra o som ensurdecedor da motosserra e o trabalho intenso na base do tronco, que cedeu lentamente até tombar de forma pesada, criando um silêncio súbito no ambiente. Contudo, no meio daquela estrutura de galhos secos e retorcidos, havia um detalhe vital: uma pequena bromélia verde resistindo bravamente.



Esse pequeno respiro devida em meio à madeira morta tornou-se o símbolo perfeito da transição pretendida pela obra. Era o sinal de que, mesmo ferida, a árvore ganharia uma nova alma.

CAPÍTULO DOIS

2 A Crônica do Processo Criativo

O Toque e a Inclusão

A grandiosidade de *Palafitas Emocionais* não reside apenas nos seus 5,30 metros de altura, mas também na sua capacidade de acolher todas as percepções. Compreendendo que a arte pública deve dialogar com toda a comunidade, o projeto incluiu desde a sua concepção a criação de uma obra tátil. Trata-se de uma versão em menor escala da escultura, concebida especialmente para pessoas com deficiência visual, permitindo que a obra seja lida, sentida e compreendida através do toque.



O processo de construção dessa "maquete emocional" foi tão criterioso e afetuoso quanto o da obra principal. A estrutura inicial começou pela seleção e amarração de galhos mais finos. Sobre essa base orgânica, ergueu-se o que o próprio artista definiu como um verdadeiro "quebra-cabeça" tridimensional.







CAPÍTULO DOIS

2 A Crônica do Processo Criativo

O Toque e a Inclusão





Com perícia e paciência, Rogério modelou à mão exatas 97 peças individuais de cerâmica apenas para compor a "vila" dessa escultura menor. O diário de bordo do atelier acompanhou cada etapa desse processo íntimo: a modelagem e a secagem da argila, a expectativa de oito horas para o resfriamento e a abertura do forno após a queima, e o trabalho minucioso de prender, uma a uma, as 97 pequenas placas cerâmicas aos galhos com arames.

Além de servir como um protótipo em escala que ajudou o artista a projetar as mais de 400 peças de cerâmica da obra de grande porte, a peça tátil é uma prova do compromisso do projeto com a democratização da arte. Ela garante que a memória da enchente e a mensagem de superação sejam acessíveis a todos, provando que a construção da memória coletiva só é verdadeira quando ninguém é deixado de fora.

CAPÍTULO DOIS

2 A Crônica do Processo Criativo

A Equipe Palafiteira



CAPÍTULO DOIS

2 A Crônica do Processo Criativo

A Equipe Palafiteira

Erguer um marco de 5,30 metros de altura em um parque público exige um rigor técnico em que a arte se encontra com a segurança. A responsabilidade por calcular a estabilidade e garantir a sustentação da base ficou a cargo do engenheiro Luiz Horácio de Azevedo Osório, da LH Engenharia. Para assegurar a firmeza da estrutura sem comprometer a organicidade dos materiais, Horácio concebeu um plano estrutural em etapas, definindo a concretagem do poste central diretamente no solo do Parque Mascarenhas de Moraes e respeitando o tempo técnico de cura do concreto antes de a escultura receber o peso do conjunto.



CAPÍTULO DOIS

2 A Crônica do Processo Criativo

A Equipe Palafiteira



O desafio de traduzir a poética orgânica de Rogério Pessôa para a escala urbana contou com a assessoria do designer Marcelo Valadas.

Na metalúrgica CBC, Marcelo projetou os engates de aço que conectam o poste, a roda de carreta e a vila de cerâmicas, aplicando a precisão milimétrica da "filosofia da trena".

Para Marcelo, morador do Bairro Humaitá que teve sua trajetória profissional impactada pela enchente de 2024, participar desse projeto significou transformar a própria ruptura em reconstrução, materializando a certeza de que, através da criatividade e da colaboração, também é possível erguer a sua própria palafita.

A harmonização de todas essas frentes exigiu uma orquestração atenta e contínua. Na coordenação geral e produção cultural, Olga Pfeifer assumiu a missão de afinar cronogramas, metodologias e talentos muito diversos. Sua regência conectou o ritmo paciente da modelagem no atelier, o rigor da metalúrgica, as exigências do canteiro de obras, as estratégias de comunicação e a elaboração deste livreto, além da condução administrativa e da prestação de contas junto aos órgãos públicos, garantindo que o planejamento saísse do papel com fluidez e transparência.

CAPÍTULO DOIS

2 A Crônica do Processo Criativo

A Equipe Palafiteira

A dimensão poética e tridimensional da escultura ganhou tradução gráfica através do olhar da designer Adriana Tazima. Responsável pela identidade visual do projeto, Adriana imergiu no conceito e nos materiais do artista para criar um ícone conceitual, pensado poeticamente como um carimbo para marcar a própria argila das peças, além de conceber o layout do totem descritivo de acessibilidade.

Para que a comunidade acompanhasse de perto a gestação da obra, a estrategista digital Natasha Paris transformou o cotidiano de produção em um "diário de bordo" contínuo nas redes sociais. Através da curadoria sensível de vídeos, áudios e registros de bastidores enviados pela equipe, Natasha construiu a presença digital do projeto, conectando o resgate histórico das enchentes ao avanço de cada etapa de criação.

A salvaguarda da memória e a documentação narrativa de todo esse processo ficaram a cargo de Marina Ciravegna da Rosa. Pesquisadora, escritora e fundadora da plataforma Acervo Vivo, Marina aplicou o design estratégico de acervos e a escuta atenta dos relatos palafiteiros para costurar os depoimentos técnicos, as reflexões do artista e os dados históricos.

A união entre essa narrativa e o universo visual da obra materializou-se pelas mãos de Clara Ciravegna da Rosa, responsável pelo projeto gráfico deste livreto. Partindo da identidade visual e dos elementos concebidos por Adriana Tazima.

3

CAPÍTULO TRÊS

O Verbo é a Matéria

Sobre o Artista

A trajetória de Rogério Pessôa e a vocação de integrar a escultura, a cerâmica e a arte pública ao cotidiano da cidade.

Com formação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialização em escultura e cerâmica, Rogério Pessôa construiu uma trajetória profundamente ligada ao espaço público e à paisagem gaúcha.

Sua atuação docente como professor no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre e professor substituto na UFRGS reflete não apenas o domínio das técnicas tridimensionais, mas o compromisso contínuo com a transmissão do conhecimento e com o incentivo à criação coletiva.

Reconhecido por projetos de grande escala e intervenções urbanas marcantes na capital, como a III Bienal do Mercosul no Guaíba, o projeto A Passagem no Parque Farroupilha, as esculturas do projeto Artemosfera e a obra Antera no Parcão, o artista transita com fluidez entre a cerâmica, a madeira e o aço. Sua pesquisa poética investiga as formas do habitar e do pertencer através de suas características "Vilas", transformando reflexões sobre a mente, o tempo e os afetos em um convite para que a comunidade ocupe a cidade e dialogue com a sua própria história.





3

CAPÍTULO TRÊS

O Verbo é a Matéria

A Troca Energética e a Invasão das Águas

O atelier sempre foi, para Rogério Pessôa, um verdadeiro "mundo particular", um santuário de criação pautado por um diálogo constante e uma intensa troca energética com suas obras. Quando as águas de maio de 2024 invadiram esse ambiente, alcançando a altura da cintura no atelier e cerca de 15 centímetros no interior de sua casa, o impacto foi imediato, mas acompanhado por um profundo sentimento de resignação e empatia.

Assistindo ao cenário devastador que atingia centenas de milhares de famílias por todo o Rio Grande do Sul, o artista vivenciou o momento com gratidão por ter preservado a vida e por ter sido acolhido durante os 40 dias em que precisou se afastar de seu lar com o filho. Conforme a água subia, o trabalho de preparação emocional antecipava a limpeza e a reconstrução. Diante da tragédia, a dor coletiva ensinou que dividir os problemas é também achave para relativizar as perdas e encontrar forças para seguir em frente.

O Impulso Criativo e a Matéria-Prima

A escultura Palafitas Emocionais nasceu exatamente do ponto de ruptura da enchente. No silêncio absoluto que tomou conta de Porto Alegre, em uma cidade sem luz, sem água e sem internet, o artista encontrou no lápis e no papel o ambiente perfeito para desenhar. Foi ali, observando a água avançar, que surgiu a ideia de elevar a moradia através das palafitas, uma solução arquitetônica ancestral que agora ganhava um novo significado existencial e simbólico.

3

CAPÍTULO TRÊS

O Verbo é a Matéria

A busca por escalas maiores transformou o rascunho inicial em um projeto de 5,30 metros de altura. Na escolha das matérias-primas, o efêmero e o duradouro se entrelaçam: os galhos da ameixeira revestem centenas de peças de cerâmica, um dos materiais mais duráveis e milenares da humanidade. Transformar a perda em alicerce de permanência é a prova de que a tragédia, embora dolorosa, foi superada pela certeza e pelo desejo de ajudar a cidade a se reerguer.

A Metáfora das Vilas

As características "Vilas" de Rogério Pessôa sempre representaram mais do que abrigos físicos: são metáforas do viver coletivo, do pertencimento e das dinâmicas humanas. Com a tragédia de maio, a enchente não surgiu como um corpo estranho, mas foi incorporada de maneira orgânica ao próprio discurso da obra, como uma nova estação no ciclo natural das cidades, que conhecem o frio, a fumaça dos telhados, as secas e as cheias.

A presença das casinhas suspensas no topo da escultura enriquece e valoriza o diálogo entre a arte e a vida real. As Vilas no topo da escultura Palafitas Emocionais reafirmam que, mesmo diante das maiores tempestades, a necessidade de comunidade, proteção e afeto permanece elevada e inabalável.

3

CAPÍTULO TRÊS

O Verbo é a Matéria

Elevando as Lutas e o Olhar para Frente

Com os seus exatos 5,30 metros de altura, espelhando rigorosamente a cota da enchente, a escultura recusa a opressão da tragédia e irrompe do cenário. Embora reconheça que o impacto emocional do desastre é profundamente individual e exige respeito ao silêncio e ao tempo de luto de cada pessoa, Rogério Pessôa optou por pautar seu discurso plástico no acolhimento e na celebração das vitórias pessoais.

A intenção da obra no espaço público do Bairro Humaitá é erguer um registro histórico que ajude a curar a ferida exposta. Ao convidar a comunidade a olhar para cima, a escultura materializa a filosofia do artista de "elevar o que as pessoas lutaram", lembrando a todos que, por mais profundas que sejam as marcas do passado, o caminho humano é sempre para a frente.





3

CAPÍTULO TRÊS

O Verbo é a Matéria

A Engenharia Coletiva

Conceber uma obra desta envergadura no espaço urbano tornou indispensável a construção de uma engenharia coletiva. Para Rogério Pessôa, foi impositivo abrir o processo criativo à colaboração, reunindo o que ele carinhosamente chamou de "grupo de notáveis", profissionais que preencheram lacunas técnicas, estéticas e estruturais com soluções precisas.

Unir a delicadeza e a organicidade da modelagem manual da argila aos guinchos e engates de aço pesado da indústria exigiu mais do que rigor técnico: exigiu um mesmo ritmo energético. A harmonia entre a “Equipe Palafiteira” transformou a complexidade do trabalho em um fluxo coletivo, provando que a construção da memória é um tijolo assentado a muitas mãos, onde o resultado é o reflexo direto da união de talentos e afeto.

CAPÍTULO QUATRO

4 Registro Visual e Ocupação Urbana

Arte que Ocupa a Cidade

Além de registrar a dimensão física da catástrofe, Palafitas Emocionais tem como um dos pilares fundamentais a democratização do acesso à arte contemporânea. Ao escolher o Parque Mascarenhas de Moraes, no Bairro Humaitá, o projeto promove uma necessária descentralização cultural em uma região severamente atingida pelas inundações de 2024.

Historicamente acostumada a ver grandes obras concentradas no eixo central — como o Centro Histórico (27 obras) e a Praia de Belas (26 obras) —, Porto Alegre recebe no coração do Humaitá sua primeira escultura pública contemporânea catalogada, garantindo que o direito à memória e à fruição artística pertença a todos os espaços da cidade.

A Geografia da Arte: O Mapa de Porto Alegre

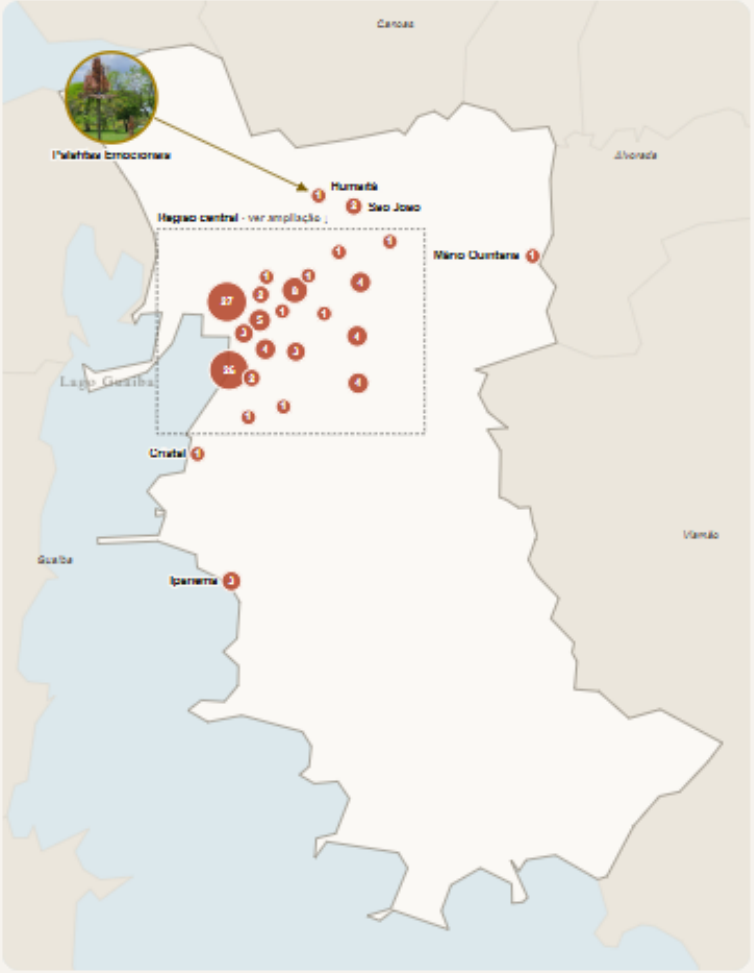
Esse descompasso espacial foi evidenciado pelo minucioso levantamento realizado pela produtora cultural Olga Pfeifer, que mapeou 108 obras públicas modernas e contemporâneas distribuídas por 25 bairros da capital, tomando como base a pesquisa histórica de José Francisco Alves no livro A Escultura Pública de Porto Alegre, dados municipais e registros de imprensa.

A cartografia resultante revela como a memória escultórica da cidade permaneceu, por décadas, circunscrita às áreas nobres e institucionais, deixando amplas zonas à margem desse patrimônio visual. Para consultar a pesquisa na íntegra, com as fichas técnicas e a localização de cada um dos monumentos inventariados, acesse a plataforma do projeto:🔗 artepessoa.com.br/palafitas-emocionais/arte-publica-poa.

CAPÍTULO QUATRO

4 Registro Visual e Ocupação Urbana

A Geografia da Arte: O Mapa de Porto Alegre



Clique para abrir o mapa interativo e consultar as 108 obras por bairro

Obras mapeadas desde 1950	**108**
Bairros contemplados	**25**
Escultura pública no Humaitá	**1ª**

CAPÍTULO QUATRO

4 Registro Visual e Ocupação Urbana

Chão de Memória, Trabalho e Cotidiano

A presença da escultura no Parque Mascarenhas de Moraes ganha densidade ao se enraizar na história viva e na força das pessoas que constroem o Humaitá todos os dias. O parque, cuja área remonta à memória do antigo aterro sanitário da capital, insere-se em uma região historicamente marcada pelo trabalho essencial de cooperativas, galpões de triagem e recicladores de materiais secos.

É um território que compreende intimamente a transformação da matéria, o recolhimento dos restos e a reconstrução cotidiana a partir do que muitos consideram descarte — a mesma alquimia que Rogério realizou ao esculpir a madeira da árvore morta na enchente e galhos recolhidos no Guaíba.

A arte no espaço público não chega ali para "levar cultura a quem não tem", mas para conviver de igual para igual, reconhecendo a dignidade desse território e ampliando o direito à cidade e à beleza.

Quem vive e trabalha no Humaitá conhece de perto o ofício de dar nova vida ao que foi descartado; sustenta a cidade visível com suas próprias mãos e sentiu, com extrema dureza, a força das águas cobrindo lares, ferramentas e memórias. Ao mesclar a madeira afogada da ameixeira, os galhos resgatados das margens e centenas de peças de cerâmica modeladas à mão, a obra dialoga com a própria alma desse chão: a matéria ferida que se reorganiza, ganha altura e aponta com firmeza para o céu.

CAPÍTULO QUATRO

4 Registro Visual e Ocupação Urbana

Chão de Memória, Trabalho e Cotidiano

A escultura de 5,30 metros de altura não invade a praça como um monumento distante ou inacessível; ela senta-se ao lado dos passantes, convive com a rotina dos trabalhadores e compartilha o banco da praça com as famílias e crianças que habitam o parque. É a afirmação concreta de que o direito à memória coletiva, ao respeito e à contemplação não tem fronteiras geográficas — pertence, por inteiro, a todos os cantos e a todas as mãos da cidade.





Ficha Técnica

PALAFITAS EMOCIONAIS

Concepção e Criação Artística: Rogério Pessôa

Proponente / Realização Jurídica: Lápis Produções LTDA

Representação Legal: Rogério Pessôa de Mello Sartori

Equipe Palafiteira

Coordenação Geral de Projeto e Produção Cultural: Olga Pfeifer Mendes Ribeiro (Olga Pfeifer Projetos em Arte e Design)

Engenharia de Estrutura e Fundação: LH Engenharia / Eng. Luiz Horácio Osório

Design e Assessoria de Montagem: Marcelo Silveira Valadas

Redação do Livreto e Gestão de Documentação Digital: Marina Ciravegna da Rosa (Acervo Vivo)

Projeto Gráfico do Livreto: Clara Ciravegna da Rosa

Estratégia de Comunicação e Mídias Digitais: Natasha Paris

Identidade Visual, Design Gráfico e Diagramação: Adriana Tazima

Documentação Fotográfica: Vanessa Bordasch

Assessoria de Imprensa: Lize Jung

Ficha Técnica

Acessibilidade e Registros Audiovisuais

Acessibilidade em LIBRAS: Alini Mariot

Captação e Edição do Vídeo do Projeto: Duca Cescani

Obra Tátil e Totem em Braille: Rogério Pessôa, Marcelo Valadas, Adriana Tazima e Olga Pfeifer

Financiamento e Chancelas Institucionais

Financiamento: FUMPROARTE — Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural

Realização Institucional: Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa / Prefeitura Municipal de Porto Alegre



Agradecimentos

A materialização do projeto Palafitas Emocionais e a publicação deste livro só se tornaram realidade graças ao esforço conjunto de muitas mãos, instituições e corações engajados na preservação da memória e no afeto à cidade de Porto Alegre. Expressamos nosso mais profundo agradecimento:

- À Comunidade do Bairro Humaitá e aos frequentadores do Parque Mascarenhas de Moraes, pela acolhida afetuosa, pelo diálogo constante e por transformarem esta escultura em um espaço vivo de pertencimento, reflexão e esperança.

- Ao FUMPROARTE (Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural), à Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa e à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, pelo fomento público, apoio institucional e pela confiança em viabilizar esta intervenção artística de alcance social e democrático.

- À DAV | Diretoria de Áreas Verdes e à SMAMUS | Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade, pela autorização, viabilização técnica e pela cessão do espaço no Parque Mascarenhas de Moraes para a instalação permanente da escultura pública.

Agradecimentos

- À ACERGS (Associação de Pessoas Cegas e com Baixa Visão do Rio Grande do Sul) pelo apoio ao texto em Braille.

- À “Equipe Palafiteira”, pela dedicação incansável, pela competência técnica e pela sensibilidade ao longo de cada etapa dessa jornada: do atelier à metalúrgica, da engenharia ao design, da comunicação à literatura, da acessibilidade em LIBRAS e Braille aos registros fotográficos e audiovisuais.

- Aos voluntários, parceiros e a todas as pessoas atingidas pelas águas de maio de 2024, cujas histórias de coragem, amparo mútuo e solidariedade nutriram o conceito das nossas "palafitas interiores" e demonstraram a capacidade inabalável de reconstrução de toda a sociedade.



Nota de Encerramento

Ao fechar estas páginas, a obra Palafitas Emocionais deixa de pertencer apenas ao atelier e passa a integrar a paisagem urbana e o cotidiano de Porto Alegre. Erguida a 5,30 metros de altura, espelhando rigorosamente a cota histórica que marcou a nossa cidade, a escultura permanece de pé no Parque Mascarenhas de Moraes para celebrar a capacidade humana de dar a volta por cima.

Cada pequena moradia de cerâmica suspensa nos galhos da antiga ameixeira guarda um testemunho silencioso de acolhimento, união e pertencimento.

Que este registro vivo e aberto permaneça como fonte de inspiração para as próximas gerações, lembrando-nos sempre de que, não importa a altura que as águas alcancem, a força de nossas palafitas interiores nos manterá firmes, unidos e com o olhar apontado para o futuro.



Palafitas Emocionais
Rogério Pessôa

Financiamento

FUMPRO ARTE
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
PREFEITURA DE PORTO ALEGRE

Realização

SECRETARIA DA CULTURA
porto alegre
PREFEITURA

